S. PAULO (Brazil) — Sabbado, 26 de novembro de 1910 — ANNO X — NUMERO 59

Redacção, Administração e Officinas
Largo da Sé n. 5 (Sobrado)
CAIXA POSTAL, 195
Endereço telegraphico: LANTERNA
Toda a correspondencia deve ser dirigida a
EDGARD LEUENROTH

A Lanterna

FOLHA ANTI-CLERICAL E DE COMBATE

Apparece aos sabbados

PREÇOS DE ASSIGNATURAS
ANNO . . . . 10$000
SEMESTRE . . . . 6$000

PAGAMENTO ADIANTADO

No preço de assignaturas para o exterior ha a differença de porte do Correio.

Continuamos a perguntar aos do Orfanato: Onde está Idalina?

Os bandidos de sotaina!

Passam-se os dias e cada vez mais longe vai ficando, mergulhado nas sombras do passado, o triste caso Idalina. Absorto na luta pela vida, na eterna successão dos trabalhos e das fadigas, o povo vai esquecendo, vai deixando no olvido o crime revoltante que uns tonsurados praticaram, conscios da benevolencia das autoridades deste paiz.

Afigura-se-nos que o procedimento da policia, demorando o encerramento do inquerito e o conservando num segredo que não tem mais razão de ser, revela o intuito de alcançar, com essa delonga, a indifferença do publico; de forma que teremos a continuação dos mesmos abusos no orfanato, onde as crianças ficaram á merce dos patifes de batina sem o soccorro de uma fiscalização que reprima e contenha a padralhada infame.

Sim, é bem isso o que a policia pretende, pois a influencia nefasta do padre se faz sentir até em autoridades que deveriam ser imparciaes, sendo que ha entre essas, algumas que batem no peito e se confessam com a mesma humildade e mansidão de um camponio bronco e apoucado.

—

Emquanto a policia assim procede, numa ridicula exhibição de carolismo, os tonsurados saltam de alegria e se entregam aos mais extravagantes gestos jubilosos.

Os roupetas, que não passam, todos elles reunidos, de uma corja de exploradores de uma parte da humanidade fanatica e retrograda, que são uns refinados hypocritas e uns patifes de marca, já berram que sua innocencia ficou cabalmente demonstrada, o que é mentira.

O facto do padre Consoni ter dito que «nunca apertou a mão de uma donzella», não significa ser elle incapaz de apertar a garganta de uma criança ou a cintura de uma formosa *ragazza* e nem demonstra não ser capaz de dar pazadas na cabeça de fugitivas.

Sobre o padre Faustino temos recebido graves denuncias que deixamos de publicar por nos faltarem provas, que estamos tratando de conseguir.

Silenciamos, por emquanto, para que a policia carola não procure logo destruir o que temos conseguido.

Mas, uma vez obtidas as provas necessarias, viremos provar a nossos leitores, que o padre Faustino está longe de ser *virgem*.

Mas o que nos tem sido narrado ainda mais robustece e solidifica a convicção nossa de que o tartufo do reverendo é bem capaz de façanhas que excedam ás de Lovelace.

Além disso, quem é hoje capaz de assegurar que um typo qualquer, pelo facto de vestir umas saias, abrir uma *coroa* na cabeça, ler uns salmos em latim e fazer voto de castidade, é realmente um santo, liberto e superior ás contingencias da vida e insensivel ao aguilhão da carne.

Não se passa um dia sem que um padre avarento, sensual, ladrão ou assassino venha provar com um *bello gesto* de bandido que o clero, apezar de ensinar tantos preceitos e de exigir tanta compustura, não é senão um bando de tratantes onde culminam os que mais artes e melhor engenho empreguem na pratica das bandalheiras.

—

Vir portanto gritar aos nossos ouvidos que os padres do orfanato são uns santos, pelo simples facto de vestirem batinas, é argumento de nenhum valor cuja resistencia nem sequer nos damos ao trabalho de verificar.

Porque é exactamente debaixo da batina que se acolhem e se disfarçam os vicios mais tremendos, e não raro surgem, ao lado do sacerdote que espolia os seus parochianos, o sexual invertido e o pederasta inveterado.

Sacerdotes de Christo? Se quereis apresentar ao povo um Christo puro, santo, divino, dai-lhe outros representantes, que estes o desabonam e o compromettem. «Dize-me com quem andas...»

Porque o padre não se pode collocar acima das leis. E' passivel, como qualquer um bom cidadão, de ir ao xadrez e ao jury. Portanto, não responder á pergunta feita com tanta insistencia: onde está Idalina? é revelar cynismo e descaramento só proprios de padres.

Fiquem certos, comtudo, os anafados e beatos padres que nós não descansaremos emquanto não soubermos onde está Idalina.

Dizer que America é uma hysterica e maleducada não é provar nada, assim como não é fornecer provas porem-se para ahi a clamar, como gansos fora dagua «Guerra santa!» Guerra santa!» «Luta religiosa».

Tudo isto é uma indecente palhaçada que só serve para tornar os tonsurados mais ridiculos e mais grotescos.

Mas nós bem sabemos porque elles fazem isto. E' porque, emquanto gritam e ameaçam, deixam facilmente sem resposta nossas perguntas.

Em resumo

Os padres do orfanato até hoje não provaram que Idalina fosse entregue a alguem, ou que esteja viva, em qualquer parte.

Não deslindaram o intrincado caso das Josefinas que, conforme já dissemos, não podem ser, nenhuma das duas, a que se referiu America. Uma é preta e a outra Já sahira do collegio, quando America lá entrou.

E a menina diz que viu uma criança no quarto de banho, com o rosto ennegrecido e inchado.

Não puderam asseverar com segurança algo que desfizesse a contradição das datas.

Deixaram de pedir, á autoridade, como lhes competia se estavam innocentes, uma rigorosa devassa e o interrogatorio dos alumnos — mesmo os já retirados.

Ainda não provaram que America fosse uma hysterica, ou que Paciullo a tivesse suggestionado.

Emfim, para dizermos tudo, os padres do orfanato não desfizeram UMA SÓ DAS NOSSAS ALLEGAÇÕES.

—

Apparecer na imprensa para dizer que está prompto a ser enforcado e que jamais apertou a mão de uma donzella não é provar ser innocente. Garantimos que com similhante defesa são guilhotinados todos os criminosos ou todos os accusados.

Tal systema é bom e dá resultado num meio onde a ignorancia e o fanatismo sejam apanagio dos tonsurados. Aqui e nestes tempos de racionalismo e de critica scientifica, tal allegação só faz rir, como fez.

—

Tem paciencia padre Faustino. Tende paciencia padres do orfanato. As vossas palavras, as vossas juras, as vossas jeremiadas não satisfazem. Queremos provas palpaveis e indestructiveis. E como não as apresentais e, certamente, não as podeis apresentar, continuamos a vos apontar como estupradores e assassinos.

E não sois os primeiros e, decerto, não sereis os ultimos, para vergonha da humanidade.

O primeiro brado



(Il Pasquino Coloniale)

« A paciencia nem sempre é uma virtude . . . Não somos um montão de cadavares . . . »

Aos Arlequins!

Um, dois, tres: pum!

Já foi ouvido o primeiro brado dos corifeus de padre Faustino. Ao terceiro, pelos modos, seremos alvo de uma descarga cerrada... de excommunhões (ufa! pensavamos que era de fuzilaria) seguida dos habituaes desaforos de marafona que os padres despejam do pulpito com enorme escandalo para os santos que, apezar de serem de páo muito ordinario, nem por isso deixam de ser pudicos... como o padre Faustino.

Que querem os leitores? Nós difficilmente escapariamos a esse flagello desde que o *bondoso* padre Faustino entendeu de se apresentar candidato ao martyrio.

Mal o immaculado padre Faustino teve esse infeliz idéa surgiram 20 campiões da *fé ultrajada*, de má catadura, arrastando umas durindanas enferrujadas, disposto a impedir... que padre Faustino seja martyr.

E' que... é que (ajudem-nos por favor) é que receiam o fiasco do velho e casto e immaculado padre e o consequente e inevitavel augmento de desmoralisação da muito desmoralizada barraca de S. Pedro, já em plena liquidação.

Diante do receio da fuga de padre Faustino, o que comprometteria a representação de todos os martyres do Paraizo, acham de melhor aviso que sejamos nós os martyres, nós, miseros que nem ao menos temos logar no inferno, quanto mais no céo.

Que fazer? Nada. Isto é: tracemos o signal da cruz e esperemos.

Esperemos e tremamos que elles se aproximam, rilhando os dentes, olhos a coruscar, grenha revolta e hispida.

Ih! que medo!

Ouçamos a voz desses tremebundos e incommensuraveis *papa-hostia*, entre os quaes até ha barão assignalado em tramoia politica nunca dantes experimentada.

Trovejam os cyclopicos:

«Somos brasileiros (bravo! muito bem! apoiado!) e estamos em nossa patria, (ah! sim! *nossa*) e diremos tambem que a paciencia nem sempre é uma virtude.»

E como a paciencia nem sempre é uma virtude pode tambem ser uma vela de sebo. Acabada a vela, ou a paciencia, como queiram, temos pr'ahi pancada de criar bicho. Bom argumento, aliás, para provar que padre Faustino é santo, martyr e virgem.

Estas ameaças só fazem rir. Como são desfructaveis, e ridiculos de um ridiculo atroz esses grotescos fantoches do padre astuto e velhaco.

Bem dizia o pobre do Christo, trepado na montanha, suarento e rouco:

«Bemaventurados os pobres de espirito».

Fala Calino!

Silencio, ó turbas. Os generaes do ultramontanismo, os modernos titans, ribombam:

«...mas saberemos agir, como cidadãos de uma patria livre», desancando os increos, assando os herejes, arrancando a lingua aos que affirmarem que padre Faustino não é virgem...»

Trememos de pavor. No espaço nem um só aeroplano que nos arrebate á sanha desses furibundos e iracundos sacristas.

Ah! padre Faustino! Somos nós, agora, os martyres.

Uma flôr de rhetorica

Businam os intrepidos Sanchos:

«Aos poucos (isto é modestia) que sob a bandeira da salvação... pisando o labaro augusto da nossa Fé, symbolo sagrado...»

Sob a bandeira da salvação e pisando o labaro!

Ein? Que belleza! Que *talento de meu Juca*.

Mascarados!

Oiçam bem este brado:

«Sêde adversarios leaes, de viseira erguida. Saberemos usar dos nossos direitos.»

Aqui, dentro desta *Lanterna*, andam todos de cara descoberta. Nem uma mascara, quanto mais viseira, que é de ferro, é pesada e só se encontra nalgum museu.

Costumam andar de mascaras os que, hypocritamente, escondem sob o manto da piedade e da religião o politico fraudulento, trapaceiro ou ganancioso ou o bordelengo corrupto. Costumam andar de mascaras os que apregoam a submissão a ensinos de doçura e appellam para a violencia e a intolerancia. Costumam andar de mascara os que vestem saia e rapam a cara e se fingem de puros para mais facilmente terem amores adulterinos ou seduzirem incautas virgens.

Quebrai a mascara, farçantes! Histriões, deixai-vos de embustes!

Uma bomba!

A sêde de martyrio do padre Faustino deu nisso: numa bomba. A bomba explodiu e a explosão é a luta religiosa.

Quem é agora a mãi (queremos dizer a causa) de tão grande e desproporcionada calamidade?

Elles não são nem nós. A mãi — isto é o pai — é o rev. padre Faustino.

Sim, é padre Faustino a causa desta tremenda luta religiosa. E elle ha de responder, perante S. Barnabé e mais S. Cypriano, pelo sangue derramado e pelos mortos que *morrerem*...

Um montão

Os terrificantes e archi-valentes dizem:

«Pensam que um povo inteiro de christãos é um montão de cadaveres e o JULGAM INCAPAZ DE REAGIR.»

Isto de montão de cadaveres é conversa fiada. Qual monte nem montão. O que nós pensamos e dizemos sempre é que o beato povo, que paga a ceia do padre, e mais o vinho do padre, e mais alimenta-lhe a borracheira e a comadre que lhe arranja a cama é um bando de ovelhas que se deixa tosquiar pacientemente.

Excepção feita — já se sabe — dos grandes carolas que ajudam a tosquia.

E nisso — dizemo-lo sem falso orgulho — estamos ainda de accordo com um certo Rabbino chamado Jesus, que em tempo viveu ás margens do lago Genesareth, segundo affirmam os apostolos.

Fervura!

«...o sangue que ferve em nossas veias... é de brasileiros ardentes de patriotismo.»

Isto ahi é peta. E das grandes.

Nem o sangue ferve nas veias destes grandiloquentes e homericos *pega-na-chaleira* do padre Faustino (é um martyr quer queira ou não o padre Faustino — até a *chaleira* lhe amassaram) nem elles são brasileiros.

Elles são catholicos apostolicos romanos, ou por outra, romanos apostolicos e catholicos, ou ainda: romanos que se fizeram apostolicos e se espalharam pelo mundo.

Deixem-se de arlequinadas.

Porque esse appello ao patriotismo, triste refugio dos que não podem appellar para outras razões nem usar de outros argumentos? Porque sois brasileiros? Nós não acreditamos nisso nem que apresenteis certidões, porque bem sabemos que o clero todo só obedece a Roma, e trabalha para Roma, bem como os que gravitam em torno desse eixo que é a mentira e o embuste corporificados no padre asqueroso e tetrico.

Sois brasileiros para rastejar aos pés de um Kruse, um intolerante patife, um Sentroul, theologo barato e philosopho de fancaria e pechisbeque; sois brasileiros para ajudar a entregar nas mãos desses Gargantuas insaciaveis, as riquezas da patria, de que tendes as opimas migalhas, permittindo que os frades extrangeiros persigam os nacionaes e os expulsem dos conventos, como fizeram com o frei João, no Rio, e com os benedictinos na Bahia.

Os frades, estes sim, é que são patriotas.

Tudo quanto gastam os monjes de S. Bento, no Rio, vem da Allemanha e decerto entra sem pagar imposto.

E é porventura patriota quem recebe, indo de encontro á constituição, titulos do papa, afim de se pavonear, nesta republica com um titulo de barão, como fez um dos signatarios do documento que estamos analysando?

Barão? Que palhaçada indecente. Barão, que excellente patriota que tu és, emquanto a patria permittir essas incongruencias e deixar que o teu capital renda 50 °/o, juro fabuloso arrancado ao suor de mulheres tisicas e crianças rachiticas que em tua fabrica definham e morrem.

Irra! Não nos canceis com esse alardear de patriotismo.

Padre Faustino nao foi offendido

Padre Faustino (exultai ó penitentes do *virgem* sacerdote) não foi offendido (salvo seja!)

Assim o declaram, após o devido exame, os tronitonantes e formidolosos campeões da igreja. A igreja sim (coitadinha) é que foi offendida... mas no coração! E com ella ficaram elles tambem feridos — no coração.

Estamos aqui estamos promovidos a Cupido, pois só ferimos no coração...

Mas o peior é que esse ferimento os poz de alerta. Os 20 paladinos, que dormiam até agora um somno de cherubins, estão alertas. Os olhos esgazeados fitam o horizonte; os ouvidos percebem os menores rumores; as narinas dilatadas *cheiram* o inimigo...

Até agora tudo foi impotente para livrar a igreja e o padre Faustino. Nem Deus nem Christo nem os santos todos nem as onze mil virgens puderam collocar umas estacas que aguentassem os muros oscillantes da igreja e salvaguardassem padre Faustino do martyrio. Mas chegaram os vinte e...

Estamos fritos

porque:

Perguntar pela Idalina é pro-

mover a inv[illegible] [illegible]asil pelos pangermanis[illegible];

— é ferir [illegible] coração uma infinita porção de pessoas;

— é duvidar da virgindade do padre Faustino;

— é ferver sangue nas veias e transformar num mingáo o patriotismo de inclytos romanos;

— é divulgar a mentira de que o Brasil não é feudo do Arco Verde ou burgo de Roma;

— é querer negar que todos os frades, mesmo os kurdos, nascessem na terra de Vera-Cruz, hoje Brasil, descoberta em 1500.

— é, finalmente, tornar periclitante o futuro de S. Paulo, seriamente ameaçado de perder frades e freiras muito uteis para povoar o solo e cavar subterraneos...

◆◆◆◆◆◆◆◆◆◆◆◆◆◆◆◆◆◆◆◆◆◆◆◆

Leão Tolstoi

Tolstoi morreu velho e amado. Era simples e bom. Cercaram-no, durante a agonia, os que lhe eram caros; e quando o grande pensador e sociologo disse: "E' o fim; é tudo„ e cerraram-se-lhe os olhos na serenidade doce e grande da morte, lagrimas brotaram.

Tolstoi não se reconciliou á igreja orthodoxa, que combateu e foi mais feliz que Littré, podendo testemunhar até o fim sua coherencia e inabalavel convicção.

Feliz delle, que assim morreu, admirado por todos que o leram e o entenderam.

—

Na cidade de Tula, onde vivia, os mujicks o estremecia. A seu lado trabalhou muitas vezes, no campo. Elle proprio varria seu quarto, arranjava o leito, com grande pasmo da criada. A' noite, em torno do semovar, os mujicks, a quem elle dizia o plano de algum romance, ou lia algum trabalho, propunham modificações e eram, sem o saber, seus collaboradores, pois não raro Tolsotoi acatava suas suggestões.

Para os que se apavoram com o anarchismo, é bom que digamos que Tolstoi era um anarchista, só differindo dos outros na acção.

O grande escriptor pregára a resistencia passiva, pertinaz e constante contra as injustiças. Anti-militarista, queria que os recrutas se recusassem aos misteres guerreiros mas sempre sem actos de violencia!

—

Recusou ha tempos o premio Nobel, de 100.000 frs. Os mujicks não aceitaram as terras que com elles queria dividir. Foi accusado porque o governo russo perseguia seus editores e prendia seu secretario sem o molestar. E não era culpado, elle que pedia a prisão, numa memoral carta publicada durante a revolução russa.

E' o que o despota russo bem sabia que Tolstoi era guardado pela humanidade toda, que o admirava.

—

Deixa numerosos romances, quasi todos traduzidos em muitas linguas.

Embora morresse no fim de sua gloriosa carreira causou grande consternação seu passamento.

E Tolstoi é dos raros que merecem veneração. Foi bom e desinteressado e sincero.

Muito bem!

Sr. redactor: — Diante das estultas resoluções tomadas pelos padres e alguns de seus systematicos defensores, cuja reunião o *Estado* de 8 deu na integra como «Resoluções importantes», etc., para descredito seu e vergonha, não reprimi o desejo de traçar algumas linhas cujo fim é encorajar a *Lanterna*, a *Batalha* e toda a nobre imprensa livre, ajudando a verberar os actos infamantes desses vis exploradores da humanidade, collaborando com a minha parcella de boa vontade e liberdade de pensar, na campanha ingente e gloriosa encetada por estes distinctos paladinos da imprensa paulistana.

E' de admirar-se muito que homens de intellectualidade constatada, portadores de pergaminho que deveria ennobrecer-lhes as acções, se deixem suggestionar pelas mentiras dos padres, chegando ao desplante de se reunir em «corpo permanente» para defende-los, o que significa pactuarem com as praticas de infamias de todo teor. E' simplesmente critica a attitude desses homens pergaminhados que descem até o mais infimo grau da intrujice para de par com os scelerados de batina assacarem e ameaçarem áquelles que procuram defender a humanidade das garras desses ferozes arganazes tonsurados e ajuda-los a anathematizar áquelles que não supportam ver passar incolumes e despercebidos crimes verdadeiramente passionaes, onde periclita a moral social, a honra dos lares, e a felicidade de seres innocentes.

Avivou mais intensamente o espirito publico da heroica phalange de povo que não tem a consciencia escravisada aos dogmas padrescos e que não pactua com as suas farçadas grotescas, a manifestação vil e repellente, feita em um officio ao padre Faustino, em que assignam alguns doutores!

Esta manifestação, que excede aos limites traçados pela fé céga, sob cujo dominio é toleravel alguma fraqueza humana, mas tolerancia circumscripta aos que não possuem um espirito de desenvolvida intellectualidade, esta manifestação— diziamos — constitue um desacato aos seus pergaminhos e um crime de leza-Divindade. A' homens, em cujos cerebros a luz das sciencias tem feito projecções aquelle acto constitue uma barbaridade ultra-intoleravel:— despresivel.

Ainda mais, por elle os seus sacripantas autores se tornam duplamente blasphemos e sacrilegos «beijando as mãos» impudicas do padre Faustino e chamando-o de *puro e santo varão*!!!

Prestigiar padres, e mormente padres responsaveis por crimes, (pois o desapparecimento de Idalina sem uma noticia real ao menos implica um crime) é prestigiar a immoralidade, é tolerar a devassidão, é contribuir para a vida das trevas espirituaes, é confortar o mal, é pactuar com as espoliações, é illudir á humanidade, é enganar-se a si proprio, é offender a Deus!

E para gaudio do clero e descredito da nação, grande parte dos seus luminares intellectuaes apoiam e prestigiam esta classe que todas as nações civilisadas repellem de seus solos. E se assim procedem é porque encontram nella o elemento pernicioso ás suas sociedades e a familias, por quem se interessam. Mas no Brasil, a politiquice intrujona em tudo se envolve, e eis que em occasião a mais inopportuna estende as suas azas negras e ominosas sobre uma tão util quão legal decisão do governo federal.

Para fechar estas linhas, sr. redactor, seja-me permittido levantar—hossanas— á *Lanterna* e á *Batalha* e á toda a imprensa liberal, valororos e intrepidos propugnadores da causa da emancipação da humanidade, contra os seus algozes—os padres—e outrosim ao criterioso ex-presidente da «Cabralea Terra», o sr. dr. Nilo Peçanha, pela attitude nobre em que se manteve, reconhecendo como elemento nocivo á patria, o bando negrc de aves de arribação que quer aqui baixar, e prohibindo-o.

Bebedouro—novembro—910.

P. NAVARRO.

Ainda os frades

Nossos esforçados camaradas de Desterro (Santa Catharina) publicaram e fizeram difundir amplamente, um boletim que é um libello a mais contra a canalha da batina.

Entre algumas transcripções, figura, nessa publicação, um protesto do padre José Correia Mendes, inserto na *Gazeta de Noticias* e endereçado a um camarão cosido: — o Arcoverde.

Parabens aos correligionarios, que devem proseguir, impavidos, chicoteando a canalha vil que embrutece e explora o povo.

TRAGEDIA NUM CONVENTO

Monge que estrangula um irmão depois de o ter confessado e absolvido — Um convento caverna de bandidos — Como se tosquiam as ovelhas.

Traduzimos do jornal inglez a *The Manchester Weeky Times* a seguinte noticia, comparativa, como tantos outros factos quotidianos, do caracter do apostolado a que a Igreja se consagra, no exercicio do seu *poder... espiritual*:

Frei Damasco Mazoch, o frade polaco que as policias allemã, austriaca e russa andavam procurando, foi preso e confessou o assassinato de seu irmão, empregado dos correios, e o roubo de joias da famosa imagem da Virgem com o menino Jesus da igreja de Czestochowa, na Polonia russa. As joias que faltam da imagem, a qual é attribuida grande virtude milagrosa e que é visitada annualmente por cerca de 300.000 polacos, foram avaliadas em 600.000 libras esterlinas.

O cadaver do irmão do monge foi, como deve estar presente, encontrado dentro dum sofá, atirado ao rio Warte. A viuva, com quem desapparecera o frade, tambem foi presa.

Na sua confissão, Mazock declara ter attrahido o irmão a uma cella subterranea. Ali, abarrotou-o de vinho narcotizado, descarregou-lhe uma pancada na cabeça e em seguida confessou-o rapidamente. Depois de lhe ter concedido plena absolvição, estrangulou-o com ambas as mãos.

O frade preso prestou espontaneas declarações relativas as aventadas malversações commettidas no convento de Czestochowa, ao qual pertencia. Diz elle que das joias vistas nas vestes da Virgem muitas não são verdadeiras.

Os monges tinham ha muito tempo disposto das joias verdadeiras, substituindo-as por outras de pedras falsas, circumstancia que elle descobriu quando intentou vendel-as.

Affirma elle que os frades se apropriaram tambem das offerendas votivas dos peregrinos. Elle proprio se apossou de centenas, dissipando o producto com sua cunhada.

Em resultado de taes revelações, está o mosteiro occupado militarmente, procedendo-se a minuciosa busca (não' á Pinheiro e Prado) nas paredes, sob os pavimentos e no jardim, na esperança de descobrir as joias legitimas.

Nos ultimos 600 annos annos, incontaveis multidões de peregrinos visitaram o santuario, pois a imagem está em Czestochowa desde 1382, e entre as innumeras dadivas contam-se inestimaveis oblatas de papas, imperadores e reis.

Refere o correspondente em Vienna do *Standard* que relatos da investigação feita em Czestochowa e tambem em Cracovia, onde foi preso frei Mazock, provam que o quadro da vida dos frades no convento de Czestochowa resulta cada vez mais negro.

O mosteiro está cercado pela tropa e um cuidadoso exame das cellas dos monges tornou evidente que grande numero dos enclaustrados formavam um syndicato regular para explorar em proveito proprio a reputação miraculosa do santuario, sendo dissipados os proventos, para gozar os quaes saíam os monges disfarçados de leigos.

Os proprios sacristães da igreja foram encontrados na posse de centenas de libras e na habitação da cunhada de Mazock e seu cumplice foram apprehendidas alfaias no valor de milhares. Outra mulher averiguou-se ser possuidora duma chave do thesouro do santuario, que continha habitualmente objectos de immenso valor.

Sobre Mazoch recaem agora suspeitas de outro assassinato, o de um padre que ha alguns mezes descobriu que se praticavam ladroeiras e em seguida morreu repentinamente. O cadaver vai ser exhumado. Em Czestochowa estão agora sob a prisão quatro padres.

—

A historia deste convento é, em resumo, a historia da Igreja.

Causa ao mesmo tempo raiva e desdem ver que ingenuos e metaphysicos dum lado e do outro exploradores, imbecis e malandrões matriculados, pretendem reivindicar a dourada aureola do apostolado para a *potencia espiritual* catholica, para a igreja— essa sociedade financeira e politica, onde em regra se entra, não por vocação, mas com intuitos lucrativos; essa empresa que procura dominar, roubar, explorar a crendice mais grosseira; essa orda de celibatarios vinda dos seminarios ou aquartelada nos conventos, roida de todos os vicios, fustigada por todas as voracidades, consumida por todas as lascivias; essa tribu de primitivos, em cuja face bestial ou unctuosa se lê geralmente a estupidez ou a hypocrisia.

Onde está Idalina?

A agitação publica que está sendo promovida pelo comité recentemente organizado em uma reunião por nós já noticiada, vai augmentando consideravelmente de intensidade.

Quinta-feira á noite, realizou-se no Ypiranga um numeroso comicio de apoio á campanha contra os criminosos do Orfanato.

Falaram diversos oradores, estigmatizando a conducta criminosa dos padres do Orfanato e demonstrando a parcialidade da policia, que está claramente do lado dos padres.

Todos os oradores foram muito applaudidos, dissolvendo-se a grande reunião na melhor ordem.

Por estes dias será realizada uma nova reunião no mesmo bairro.

O bonde 287

Trecho de uma conversação ouvida no bonde 287, nó dia 16, ás 2 horas da tarde, entre duas senhoras, ambas toscanas:

— Tenho uma filha, Teresina. Internei-a no collegio da «Sacra Familia», ha tempos.

— Ainda lá está?

— Não, senhora. Já a tirei. E' uma pequena bem intelligente e viva. Uma noite minha mãi passava em frente ao collegio ás 9 horas, e ouviu gritos dilacerantes de criança. E conheceu a voz de minha filha. Um grande cachorro atacava-a, mordendo-a. Com a intervenção de minha mãi a criança foi recolhida ao collegio. Depois soubemos que se estava ali, ao relento, áquella hora, é porque a puniam.

— Porque?

— Minha filha vira, na noite anterior, os padres *jogando a tombola* com as freiras. Falou, naturalmente, ás collegas, que logo a denunciaram ás monjas. Por isso a castigaram, pondo-a no quintal, á noite, em risco de ser morta pelo cão, que lhe despedaçou *il vestito rosso*.

Eu ouvia e tomara notas. A que narrava, volveu, bruscamente, para mim os olhos claros, e vendo-me a rabiscar teve um sobresalto.

— Por favor não diga nada aos jornaes, tenho receio.

— De que minha senhora?

— De prujuizos. Eu tenho negocio, as freiras compram generos em minha casa e se souberem que fui indiscreta naturalmeate retiram-me a freguezia, E são contos de réis que me compram.

— Quando é assim, disse eu, não convem dizer nada aos jornaes.

— E' um favor que me faz.

— Perfeitamente.

A outra senhora fitou-me de um modo expressivo. Percebera bem que eu era jornalista e insistiu para que a sua interlocutora consentisse em fazer alguma declaração. Nada a demoveu.

E é este o nosso maior obstaculo. Todas as victimas, todos os perseguidos, todos os que soffreram qualquer offensa do clero são timoratos, ou têm ainda ligações aos padres, ou são fornecedores de collegios.

E a voz do interesse suffoca a da razão. E o desejo do ganho faz esquecer a injuria.

Ainda assim, embora desgostos causemos a senhora desconhecida que encontramos no bonde 287, não nos furtamos ao desejo de imprimir a sua narrativa.

Pelo menos o publico terá mais uma prova do que allegamos: que os collegios de freiras são celebres pelos maus tratos, pelo rigor que usam com as crianças.

VIRIATO CORREIA

Uma greve no céo

A Virgem estava com os olhos molhados de lagrimas e foi a chorar que ella murmurou abraçada ao Rabbino da Judéa:

— Olha, José vai se mudar, tenho que acompanha-lo. Vamos?

A noticia espalhou-se. O Christo, por obediencia, decidiu como bom filho: acompanharia a sua mãi, mas a sua saudade, a sua grande saudade eram os doze apostolos, os seus bons companheiros de propaganda, de infortunios e de glorias.

E foi commovido, com a voz suffocada, que elle os abraçou.

— A mamãi vai embora, eu vou tambem. Se vocês quizerem...

Os apostolos não vacillaram. Iriam tambem.

E a noticia correu o céo.

Sant'Anna appareceu á armada, a cabeça no ar, sem comprehender aquella historia.

— Então é certo?

— E' José, mamãi, explicou Maria. Brigou com o Eterno e vai-se.

— E tu tambem?

— Tambem. Que fazer?

— Mas, eu é que não fico cá. E Joaquim tambem. Iremos todos.

E com a manga do manto, affastou-se limpando as lagrimas que lhe ensopavam os olhos maternaes.

Santa Izabel, ao saber que sua prima deixava o céo, decidiu-se a segui-la.

Eu, o Zacharias, o João. Isto é uma questão de familia, affecta a todos nós.

Quando a nova chegou aos aposentos das onze mil virgens, ficou tudo em polvorosa. De certo que acompanhariam Maria. Se foi em honra della que juraram a castidade do seio e da carne!

Se foi por Maria aquelle duro sacrificio, todo aquelle martyrio cruel...

Com a adhesão das onze mil virgens o Paraiso quasi em peso adheriu.

Os santos vinham em bandos satisfeitos, com a novidade daquelle escandalo, para junto de José.

— Você vai? Pois conte comnosco.

Um outro tirava o corpo fóra. Arriscar assim o seu socego por uma coisa incerta, deixar aquelle céo tranquillo e grande, aquelle delicioso céo de descanço e de paz por um céo que se ia fazer ainda? Nada.

— Mas quem disse que se vai fazer o céo? falava um santo. O céo já está feito. Basta que haja santos para que haja céo...

— Mas é uma desobediencia.

— Desobediencia. Qual nada. Pois se Jesus que era Deus, era um dos chefes do movimento! Pois se Jesus tambem ia!

— Anda dahi. Quem vai ficar nesta pasmaceira?

E momentos depois não havia mais um santo que não estivesse a arrumar a sua trouxa.

No meio do salão, S. José, de guarda pó, a terramenta de carpinteiro de baixo do braço, gritava, apressando a partida.

— Vamos dahi com isso! Nada de choros.

Jesus veio lhe tocar desoladamente nos hombros.

— E Pedro?

— Que tem elle?

— Fica? E' pena! Tão bom companheiro!

S. José tinha a alma grande; já sentia magoa da resinga accesa á porta do Paraiso.

— E porque ficar? minha briga foi com o Eterno. Chama dahi o rapaz.

Jesus seguiu a communicar a resposta de José aos apostolos.

— E tu queres ir Pedro?

— Eu? Quem vai ficar neste deserto? Com uma condição. Que me tirem as chaves da mão. Vocês comprehendem que ser porteiro toda a eternidade é simplesmente enfadante.

S. José continuava a bater palmas.

— Vamos com isso! Vamos com isso. Está se fazendo tarde.

Os celestes estavam todos a pique para seguir.

— Marcha! gritou S. José dando o braço a Maria,

Começou a debandada. Em pouco o céo esvasiou-se. Ficaram apenas uns poucos de santos, apenas os que se fizeram divinos pelo antigo testamento.

O esposo da Virgem fitou-os por muito tempo, desdenhosamente e sacudindo os hombros com superioridade:

— São os fosseis!

E por muitas horas resoaram pelo solo do céo os passos dos debandantes.

Vinha de longe a leve frescura de uma aza branca, o ruflo macio de umas pennas agitadas. Era o Espirito Santo que chegava de uma viagem pelos mundos.

Pousou estonteado pelo seu espanto e o bico rosado de pombo abriu-se numa interrogação:

— Mas que é isso?

S. José contou-lhe tudo. A ave divina tremeu e palpitou o papo redondo.

— Tu partes?

— Sim! Eu e o pessoal.

O Espirite Santo sacudiu as azas para a presença do Eterno.

— Sabes? o José vai embora.

— Serio?

— Serio. Chegue a janella. Elle e todo o povo.

A Omnipotencia escancarou as venezianas e lançou pela amplidão a divindade do seu olhar.

A população celeste marchava infinito afora.

O Eterno empallideceu. Olhou o céo e o viu deserto. Lá ia o Paraizo por agua abaixo! E nervoso e tremulo, tirou do bolso o lenço e agitou-o nas mãos: O' José! vem cá, José! E para o Espirito Santo, agitadamente:

— Vai chama-lo, meu velho? Dize ao José que deixe de caprichos. Essas cousas não se fazem assim.

Poucos instantes depois José chegava ao throno do Senhor.

— Que coisa é essa José? Estás doido?

— Não senhor. Sou homem de palavra.

— Mas como me carregas todo o pessoal?

— Não chamei ninguem. Só Maria. Elles é que vieram.

— Deixas-me o céo vasio. Nada de precipitações. Tratemos de um accordo. Tu tens um genio...

— O meu accordo a Omnipotencia sabe, é a entrada do meu devoto com todas as regalias.

— Mas isso é impossivel, rapaz. As leis...

S. José fez uma barretada com o chapéo: A's vossas ordens. O povo espera-me lá fóra.

— Vem cá, José. Conversa primeiro.

— A minha conversa é esta: o meu devoto entra?

— Pois bem, vá lá. Mas esse só.

O carpinteiro sentio a força do seu poder.

— Esse e todos que forem de minha devoção, bom ou máo.

— Mas José...

— Sim?

— Não.

— A's vossas ordens. E fez outra barretada.

O Eterno cofiou pensativamente o bigode.

— As leis... a desmoralisação celeste...

— Então...

— Está dito. Manda entrar o povo, manda entrar os teus devotos.

Firmou-se o pacto. O Paraizo está sempre aberto para os devotos de S. José.

FIM

Prepotente, perversa e ladra!

Ainda uma vez a poderosa empresa canadense que em S. Paulo, graças ao suborno, e á subserviencia de alguns governantes, vem malservindo ao publico, a quem trata com desprezo e descaso, póde esmagar uma justissima revolta e exercitar contra operarios laboriosos, honestos e de brio, as mais revoltantes medidas de coerção e de vingança, para o que de muito lhe serviu o guante de ferro de uma policia inepta, parcial e arbitraria.

Ha longos dez annos que a Light vem explorando torpemente o povo paulista, cobrando elevados preços por um transporte incommodo e arriscado, sem pormos em linha de conta o que exige essa empreza pelo fornecimento de luz e força. Para lhe pôr um entrave á ganancia não ha poder constituido que o faça, todo elle rendido submisso aos dinheiros da companhia; para lhe fiscalizar o serviço de transporte não ha um só funccionario, porque esse POLVO suborna todos os fiscaes; para lhe attenuar a prepotencia e tirannia nenhuma força existe... Existe uma força que reside no brio de seus empregados conscientes e em sua cohesão, mas essa força a Light doma porque a policia é, tambem, sua escrava e presta-se humildemente, servilmente, repulsivamente a seus manejos de oppressão.

Circulam os bondes da companhia canadense em lastimavel estado de immundície e conservação; horarios que bem sirvam ao publico, não existem, desastres continuos se registram porque os freios e as chaves de reversão dos vehiculos não funccionam; os carros, velhos, sujos, de cortinas quebradas, de molas partidas, rolam pelas ruas de S. Paulo como um attestado da desidia e do pouco caso com que a companhia trata o publico; e a Prefeitura Municipal tão prompta em perseguir e multar infelizes carroceiros e cocheiros, permitte á Light todos os abusos, nunca a multou, nunca a chamou ao cumprimento de seu dever; e quando tem de tratar com a companhia fa-lo como a uma entidade superior ou como quem se vendeu.

Para a Light é o suborno a arma por excellencia.

Em outra qualquer cidade onde o povo fosse menos docil e menos paciente que o nosso, já a companhia teria melhorado seus serviços, porque, se os poderes publicos não lhe impuzessem essas reformas lh'as imporia o povo, queimando, se fosse preciso, esses carros indecentes, sujos, desengonçados, para a obrigar a fornecer vehiculos limpos, em bom estado, que não compromettessem a segurança dos passageiros, pondo-lhes a vida em perigo.

Mas o povo de S. Paulo, comquanto paciente, de ha muito murmura e se queixa da prepotente empreza, cujos serviços necessitam de ser modificados radicalmente, para melhor. Quando não, a Camara Municipal deverá conceder privilegios a outras emprezas que possam fornecer transportes seguros, celeres e baratos, de accordo com o desenvolvimento da capital.

—

Porém, mais do que o povo, vivia insatisfeito e descontente o pessoal da companhia, sujeito a leis draconianas e a um regulamento vexatorio e deprimente e recebendo mesquinha remuneração.

Além de obrigar seus empregados a trabalhos excessivos, de reter de cada um 200$000, cujos juros auferia velhacamente, obrigando-os a ter em deposito mais 20$000 de passes; além de prohibir conversação entre elles, trazendo-os desunidos e desconfiados mercê das denuncias e das intrigas que um numeroso grupo de espias constantemente fazia, elevando a delação a uma virtude e fazendo da bajulação um merito, a empreza reserva-se o direito de despedir, sob qualquer pretexto, a operarios antigos e competentes.

Com uma perversidade que indigna a Light entendia fazer de seus empregados um fantoche, um titere docilissimo a seu mando.

O empregado da Light, para ser estimado de seus chefes, tinha de reunir esses requisitos:

Ser eleitor e só votar em quem ordenasse a empreza. Em caso diverso seria despedido.

A companhia assim garantia á eleição de seus subornados e escravos.

Denunciar seus companheiros de serviço. Systema jesuitico. O delator tinha probabilidade de subir facilmente.

Nunca adoecer. Empregado doente por excesso de serviço é despedido.

Jamais, em caso de desastres, allegar em defesa que o material da companhia estava deteriorado, mesmo que tivesse de ser condemnado.

Mostrar-se contente com as multas que soffresse e bajular ignobilmente seus superiores.

Tudo isso queria e quer a companhia e para o conseguir renova incessantemente o quadro de seu pessoal. Em oito annos de exercicio substituiu 14.000 empregados.

—

Comquanto lutassem com ingentes difficuldades, os operarios da Light conseguiram fundar uma sociedade para zelar seus direitos e obter algumas melhorias. Logo a directoria da celebre empreza, sabedora da installação da sociedade, começou a perseguir os associados, despedindo dois, antigos empregados, sob futil pretexro.

Revoltou a todos o procedimento canalha dessa empreza de canalhas, que apezar de ser extrangeira, domina despoticamente em S. Paulo.

E os operarios, em sua maioria, abandonaram o serviço, exigindo *simplesmente* a reintegração de seus collegas.

Elles, que tinham tantas queixas a formular, tantos abusos a supprimir, esqueceram tudo e só pediam a *reintegração* de seus collegas.

Mas a formidavel e execranda empreza, do alto de seu orgulho, certa da parcialidade inepta da policia, não quiz confessar sua injustiça e reparar o seu erro.

E não attendeu os grèvistas.

Estes, comquanto lutassem por uma causa justissima, tiveram de soffrer uma derrota, porque as deserções foram numerosas em suas fileiras. Mas essas deserções se verificaram devido ao pavor mui justificado que a attitude arbitraria e violenta da policia provocara.

Effectivamente, essa policia, useira e veseira em montarias ferozes a operarios inermes, chegando a ponto de incendiar suas casas (como fez em Agua Branca) deu começo a sua tactica: prender grèvistas. O delegado incumbido desse serviço, ha pouco chegado da Europa, aonde fora buscar uns cachorros, e que se revelou sempre um inepto e um arbitrario (como quasi todos os auxiliares do inepto e arbitrario W. Luiz) decretou as prisões, que foram feitas numerosas.

Bastava apparecer um grèvista, á paizana e era logo preso. Alguns foram presos dentro de suas proprias casas.

Krumiros, *fura grèves*, arvoravam-se em autoridades e mandavam prender tambem. (Resultado do instituto de delações fundado pela Light). Outros eram obrigados a trabalhar, debaixo de ameaças tremendas.

Que policia! Como rasteja vilmente aos pés da poderosa empresa canadsnse. Como se ufana de obedecer aos gestos da grande companhia. Como o desfructavel delegado incumbido das *grèves* pavonea-se mostrando sua inepcia, sua ignorancia e sua parvoice em assumptos dessa ordem!

—

A Light venceu. E venceu porque é prepotente, velhaca e ladra.

Prepotente, porque, entendendo que os seus subordinados devem ser desbriados e patifes, procura sempre *pôr na rua*, dispensar os que manifestam dignidade e honradez.

Velhaca, porque, explorando-os ignominiosamente, multando-os a todo instante, usufrue juros das fianças que depositam em suas mãos e vende por alto preço uniformes que lhe custam 45$000.

Perversa, porque incita á desconfiança reciproca, e á espionagem e á delação, homens do trabalho que nunca suppuzeram que, para viver, além do esforço de seus braços exigiam que fossem traidores.

Ladra, emfim, porque usurpa e espolia o povo inteiro, cobrando passagens elevadas em troco de um serviço mal organizado e de carros podres, que ameaçam a vida dos transeuntes e dos passageiros.

Mas, estamos certos, ninguem chamará a Light á ordem nem a qualificará de extrangeira.

Extrangeiros para a policia, são os operarios honrados e conscientes, briosos e emancipados, não a companhia dinheirosa e capaz de dispensar largas propinas.

Extrangeiros, para a prefeitura, (no sentido que o chauvinismo pulha empresta a esse termo) são os que lutam para pagar impostos e multas, não a empreza que tem escandalosas concessões, e contratos vergonhosos, mas que pode, muito bem, encher a algibeira de funccionarios deshonestos.

Contra essa prepotente empreza, que se allia a uma policia inepta, violenta, capaz de todos os desatinos, não valem as boas razões, o appello á lei e á justiça.

Fora da lei estão essas duas entidades, que provocam, com os seus abus s, com as suas arbitrariedades, represalias muitissimo justificadas e que se não apparecem, se não surgem para conter esses desmandos e reprimir essas violencias, é porque a paciencia do povo é grande e não se exgotta.

Ainda assim, a Light gatuna, perversa e prepotente, já recebeu aviso neste movimento.

E a policia?...

Essa nem sempre terá á sua frente dois individuos fatuos e arbitrarios como o Baptistinha e o W Luiz.

E'cos da campanha

Continuamos a receber noticias das varias iniciativas de que se incumbiram nossos correligionarios no interior, tendendes a propagar tudo quanto se tem publicado sobre a infeliz Idalina Stamato e tornar mais intensa a agitação que ora movemos contra os corvos da *barraca de S. Pedro*, que crocitam, lugubremente, ameaçando, em volta das crianças que o fanatismo e a ignorancia entregam em suas mãos.

Aqui na capital, pretendem varias associações levar a effeito um comicio publico, onde falarão varios ex-internados do Orfanato.

Domingo ultimo, na avenida Martim Burchard, 11, effectuou-se uma reunião concorridissima afim de serem ventilados e discutidos os methodos mais efficazes a adoptar para obrigarem os tonsurados a uma explicação categorica sobre o destino de Idalina e de Josefina.

Campinas

Desta florescente cidade que a batina atabacada do padre Nery teima em fazer um burgo podre, onde melhor possam engordar os hypocritas e viciosos masmarros dirigidos pelos barretos e ozamis, recebemos animadoras noticias.

Parece que os nossos correligionarios sempre se resolveram a oppor resistencia á invasão da crapula clerical, arrancando Campinas da influencia reaccionaria de um bispo ultra-intolerante e restituindo-lhe os foros de cidade que sempre tolerou todas as opiniões.

Sobre o caso Idalina, que tem trazido em confusão a padralhada, cujas defesas se transmudam sempre em accusações, temos estas notas:

Em 15 de novembro, no theatro *Rink*, celebrou-se uma reunião para commemorar as Republicas Brazileira e Portugueza, e em que tomaram parte varios professores do Gymnasio, entre elles os srs. Erasmo Braga, Mendes Vianna e Basilio Magalhães.

Segundo uma local d'*O Mensageiro*, cuja excellente reportagem nos fornece hoje estes dados, foram pronunciados vibrantes discursos contra a *odiosa companhia de Jesus, a quem o Brasil tanto deve* pela ajuda efficaz no exterminio dos indigenas.

Entre os accionistas dessa Companhia, (as accusações perderam muito devido a manejos dos anticlericaes) figuram Nobrega, que mandou vender um padre na Bahia, em leilão, e Anchieta, um dos carrascos de João Bolés, no Rio de Janeiro.

Tambem, segundo informa *O Mensageiro*, foi profusamento distribuida *A Lanterna* e uns papeis com a seguinte e suggestiva pergunta: — Clericaes, respondam: "Onde está Idalina?"

Referindo-se á distribuição desses papeis diz "O Mensageiro" que "realmente foi uma boa ideia".

Foi distribuido em 20 do corrente um bem lançado boletim em resposta a algumas sandices ditas pelo bispo no largo Tanquinhos e assignado por "Um grupo de Liberaes".

Nesse documento, depois do recommendar ao bispo que evite a companhia dos avarentos e ricos se quizer obdecer a João Chrisostomo, dizem os valentes liberaes:

"Finalmente, recommendeis aos vossos subordinados que não façam despparecer crianças como fizeram com Idalina Stamato."

"O Mensageirinho" é um jornal das crianças (?) catholicas, vasadouro das imbecilidades e idiotices que os pequenos aprenderam dos seus mentores hypocritas.

Os taes meninos descobriram agora uns "juizes de Deus" o que muito depõe contra a sapiencia do Padre Eterno, até ha pouco Todo Poderoso. Se Deus já tem juizes, daqui ha dias terá senhorio, patrão, chefe politico e... vigario.

Pobre Deus, como te troçam...

Já o desmoralizam tanto que "O Mensageirinho", não appellando para elle (os pequetitos já sabem que a excommunhão vale tanto como uma batata podre) recorrem aos tribunaes.

E venham processos!

—

Diz "O Mensageiro":

"Está provado (?) que essa supposta victima foi retirada do Orfanato em 28 de junho de 1907, pela sua supposta mãi Italia Fonte."

"Depois disto foi que ella desappareceu."

"O Mensageiro", como todo orgam catholico que se presa, mente descaradamente.

Está provado como e por quem? O' tartufo!

Depois disso é que Idalina desappareceu. Depois disso? que é esse isso? ó patife! Então tu provas que Idalina saiu do Orfanato e fosse vista depois de ter saido? ó mentiroso e desbriado!

Como tu bem sabes que só és lido por umas ovelhas incapazes de fugir ao teu jugo, e que prestam fé cega no que dizes, é que tens a ousadia de avançar essas falsidades.

Bem fielmente retratas o teu redactor: hypocrita, mentiroso, sem escrupulos e sem brio.

Jahú

Recebemos do nosso correligionario Alberto Funchal extensa carta onde o autor, após algumas considerações sobre a velhacaria dos tonsurados que fizeram desapparecer a Idalina, informa-nos que é grande o numero de pessoas que se tem manifestado solidarias com *A Lanterna* nesta campanha.

Sertãosinho

Houve em Sertãosinho grande indignação contra a padralhada, que tanto se ufana do famigerado padre Faussino pertencer ao bando dos... eroticos de batina.

Para attenuar esse sentimento algum carolissimo beocio reeditou as defesas do Piedade e de um papelucho de sacristia, já pulverisadas em numeros anteriores d'*A Lanterna*.

E acaba dizendo que Leuenroth e Ristori são residuos immundos (!) atirados da velha Europa.

Não nos consta que nenhum dos dois tenha vindo de algum convento...

Jardinopolis

Um nosso velho conhecido desta cidade espraiou-se em extensissimas considerações sobre o caso do Orfanato. E foi uma lastima...

Quando abrimos a *Ré-publica*, trememos. Dizemol-o sem vergonha alguma: trememos. Ler 4 columnas do *imponente* orgam para chegar ao fim sem appreender algo de novo, e tropeçando, a cada instante, com uns BARBARISMOS horrendos é tarefa que só um anti-clerical pode fazer.

Nada de novo, não; achamos de novo só isto, que vem provar mais uma vez as aptidões do escriptor para subir ás culminancias... da toleima e da asneira: o autor chama o darwinismo doutrina de Ristori e diz que um burro pode evolver até ser um bipede implume, na fraze de Platão.

E quem sabe se não terá razão o homem da *Ré-publica*? Talvez elle possa provar o que diz demonstrando que evolveu, que é um quadrupede transformado hoje num plumitivo cujas alicantinas e despauterios nos fazem rir a valer.

Jaboticabal

Recebemos, subscripta por 359 pessoas, uma declaração de apoio e sympathia escripta por occasião do comicio no theatro Arthur Azevedo, de que demos noticia.

Entre os signatarios figuram muitas senhoras e senhoritas.

Agracedemos penhorados aos amigos e correligionarios de Jaboticabal. No proximo numero daremos inserção a este documento, assim como a outro de Bebedouro.

Ferri, o renegado

Ferri está novamente entre nós. Ha dois annos, quando elle aqui esteve pela primeira vez, fomos nós: os anticlericaes, os livre-pensadores, todos os homens de ideias avançadas, emfim, que o defendemos dos ataques da clericanalha, que o applaudimos com todo o nosso enthusiasmo nas suas conferencias, nos comicios e nos jornaes.

Todos estão lembrados da agitação que a sua presença provocou nesta capital.

Desta vez a situação é outra. Ferri apparece-nos hoje como um renegado vulgar.

Ferri, o socialista, Ferri, o revolucionario, o livre-pensador, justificou abertamente o procedimento infame do despotico governo argentino quando no paiz do Plata eram assaltadas as associações, as bibliothecas, incendiados redacções de jornaes, os domicilios invadidos e indefesas operarias violadas, expulsos summariamente centenares de trabalhadores e muitos outros deportados para a mortifera Terra do Fogo.

Ferri renegou os seus principios, defendendo abertamente os tyrannos do povo.

Por isso os seus antigos amigos já não o applaudem, não o defendem—apontam-no ao despreso publico como um vivedor sem escrupulos.

O povo de Buenos Aires já o justiçou, atirando-lhe ao palco punhado de centavos, como supremo despreso á sua conducta de traidor.

No Rio, o defensor de Figueiroa Alcorta falou em todas as suas conferencias para as cadeiras vasias, encerrando a serie com uma offerecida á Federação Operaria daquella capital.

O intuito de Ferri incluindo no numero das suas conferencias uma em beneficio da organização operaria foi procurar evitar a repetição no Brasil das demonstrações de desagrado iniciadas na Argentina.

Antes da conferencia do sr. Ferri falou o operario Ulysses Martins declarando, em nome da Federação, que a mesma acceitara a conferencia para dar occasião a uma contradita, regeitando, entretanto, o producto das entradas.

Depois de terminada a conferencia o sr. Oreste Ristori, que havia sido chamado pela Federação, pediu a palavra para rebater alguns de seus pontos.

O sr. Ferri não acceitou o desafio, retirando-se do theatro debaixo de uma frenetica vaia dos assistentes.

«Socialista revolucionario de opereta!», «Renegado!», gritaram-lhe. E Ristori falou longamente, denunciando aos presentes o procedimento condemnavel do terrivel accusador do almirante Betolo, hoje seu intimo amigo.

O discurso de Ristori foi constantemente interrompido por calorosas salvas de palmas.

Falou novamente o operario Ulysses Martins dizendo que aquella demonstração servirá para que o sr. Ferri vá dizer na Italia que os operarios no Brasil não se deixam embair pelos discursos dos renegados e politiqueiros baratos.

Em S. Paulo já está no conhecimento de todos como foi elle recebido.

A Estação da Luz, que da primeira vez acolheu os gritos enthusiasticos da multidão que o foi esperar, dois annos depois recebe o mesmo homem com pouquissimas pessoas e entre essas mesmas diversas transformaram os seus vivas em sygnificativa vaia. E a chegada realizou-se ás 9 1|2 da manhã, quando todos trabalham...

O automovel que, com difficuldade, atravessou por entre os applausos da multidão, corria desta vez de maneira a reclamar a attenção dos fiscaes de vehiculos...

No theatro S. José então a manifestação de desagrado foi collossal.

Na sua entrada no theatro, na sahida e á porta do «Rotesserie» a vaia foi tremenda.

No inicio da conferencia foram atirados ao palco muitos ovos podres e grande quantidade de vintens.

E assim foi recebido Ferri, o renegado.

Pequenos ecos

Conferencias — Convidado pela «Liga Operaria» de Ribeirão Preto o nosso companheiro E. Vassimon realizou naquella cidade, no Bijou-Theatre, uma conferencia publica, no dia 9 do corrente.

Foi intuito da Liga Operaria solemnizar o segundo anniversario da conquista das oito horas de trabalho, regalia alcançada merce de um movimento grevista que foi um bello testemunho de consciencia e solidariedade.

Presidiu a conferencia o dr. Fabio Barreto, que pronunciou um bello discurso.

—

De volta aquelle nosso companheiro parou em Campinas, onde, a convite da «Liga Operaria», dessa cidade, effectuou uma conferencia no salão da séde da Liga, commemorando os martyres de Chicago.

A conferencia teve lugar no dia 11 do corrente, data em que foram enforcados os martyres de Chicago, como ficaram conhecidos nos annaes do operariado.

Gatos — São dois da revisão. Saiu errada a data, 17 envez de 19 de novembro.

Sob o cliché de Montserrat Iniguez dizemos convento Santa Clara, quando foi o de Santa Izabel o theatro do crime.

Outros gatos, pequenos, não merecem menção.

Casa Confiança — O proprietario desta antiga casa, conhecidissima em Ribeirão Preto, teve a amabilidade de participar-nos a transferencia do seu estabelecimento da rua Saldanha Marinho n. 105 para os ns. 121 e 123 da mesma rua, esquina da de S. Sebastião.

Ao sr. Joaquim Proença da Fonseca prosperidas.

Casamento — Participa-nos o sr. Gamaliel Almeida, nosso collega do *Correio de Botucatú*, seu enlace com a exma. sra. d. Julieta Bertholdi de Almeida, realizado a 10 do corrente.

Bonne chance.

Grupo de Propaganda Social — Com o titulo acima fundou-se no Rio de Janeiro um grupo composto de camaradas que se propõem a difundir entre as classes proletarias os ideaes francos e sinceros que advogam. Os meios a pôr em pratica são diversos, tendo agora como iniciativa o auxiliarem a publicação certa da *Terra livre* enviando mensalmente uma quota monetaria. Os companheiros que no Rio de Janeiro queiram adherir a este grupo podem dirigir-se ao Grupo de Propaganda Social sito á rua General Camara, 335, sobrado, onde se reune todos os domingos das 2 ás 4.

Juvenal Coelho — Em Nictheroy, a 2 do corrente, falleceu repentinamente, ás 2 1|2 horas da madrugada o nosso collega de imprensa, Juvenal Coelho.

Redigiu o *Livre Trabalhador*, de que foi fundador. Tambem escreveu e fez publicar um romance — *O Camponez*.

Pezames.

Em Ribeirão Preto

ESCOLA MODERNA

Deve realizar-se amanhã, 27, domingo, em Ribeirão Preto, á rua Florencio de Abreu n. 32, uma grande reunião publica para se deliberar sobre os meios mais efficazes de prestar apoio á grandiosa instituição Escola Moderna.

Auguramos o mais brilhante exito a essa reunião, cujo escopo não póde ser mais nobre nem mais digno.

Os apostolos

MADRID, 15 — O governo ordenou ao suporior dos jesuitas de Barcelona que faça destruir immediatamente as obras de defesa militar do convento de Santo Ignacio.

Armam-se para exercer pacificamente o seu poder espiritual...

Padre assassino

Roma, 31. — Telegrapham de Sondrio que foi preso ali o sacerdote Della Vedova, accusado de cumplicidade no assassinio do empregado publico Capelleti.

O movel do crime foi uma questão de mulheres.

Agora, quando os jornaes denunciarem o facto, virão os seus collegas dizer que elle é um santo, etc. E elle se offerecerá ao sacrificio...

Aos amigos

O melhor meio de auxiliar a *Lanterna* é assigna-la e arranjar-lhe assignantes. A assignatura é mais cara; mas é um concurso de amigo.

Fecho alegre

Num campo de aviação, começam a elevar-se nos ares os aeroplanos e um dos aviadores leva comsigo um padre.

Commentarios dum assistente:

— E' a primeira vez na minha vida que vejo um padre desprender-se dos bens terrenos!

"A Lanterna" em Porto Alegre

O movimento anticlerical que se tem ultimamente feito sentir por todo o Brasil tem tido igualmente algum éco nesta cidade, ordinariamente tão pacata e conservadora e por isso mesmo minada de padres e conventos.

Como já devem saber os leitores da *Lanterna*, o governo do Estado do Rio Grande do Sul, pôz-se francamente e protectoramente ao lado do clericalismo, protestando contra a ordem baixada pelo presidente da Republica impedindo o desembarque da padrecada immunda corrida de Portugal e Hespanha, por perniciosa que é a sociedade.

O governo do nosso Estado, inspirado nos principios constitucionaes, para assim proceder escuda-se na liberdade espiritual que, segundo elle, deve inviolavelmente ser respeitada pela democracia.

O que, porém, todo mundo vê nesses pruridos de maximo respeito pela liberdade espiritual, é uma escandalosa capa protectora aos padres que, infelizmente, cada vez mais florescem no territorio gaucho, bafejados pelo officialismo *positivista*.

A liberdade espiritual como a entende o governo e os chefes da politica estadual, é somente garantida aos padres, pois é bem certo que esse mesmo governo e chefes em nada respeitam as ideias politicas de seus adversarios, como até as têm perseguido, usando de meios bem pouco dignos e muito pouco claros, contrariamente do que preceitua o mestre do *viver as claras*.

O que na actual emergencia bem demonstrado ficou, foi que o governo do Rio Grande julga o clericalismo como um optimo elemento de governo e por isso procura viver em boa harmonia com os seus membros, protegendo-os e defendendo-os dos ataques inevitaveis que o povo consciente lhes vai fazendo sentir cada vez com mais intensidade e energia.

Entretanto o povo desta capital, desprezando as ameaças feitas com ridiculas exhibições de forças guarnecendo conventos, bispados e collegios clericaes, vai affirmando o seu desagrado e protesto contra a invasão do Brasil pelos padres corridos das nações européas.

No dia 9 do corrente foi, a tarde, distribuido um boletim convidando o população para um *meeting* de protesto contra os padres, e ás 8 horas da noite estava a praça Senador Florencio repleta de povo, ávido de ouvir os oradores populares,

Um conhecido orador que se havia compromettido a falar nesse comicio, á ultima hora, cedeu aos pedidos do governo e desistiu de comparecer ao local da reunião. Isso, porem, em nada diminuiu o enthusiasmo dos anticlericaes que accorreram ao comicio.

Fez uso da palavra o operario Valdomiro Padilha que concitou o povo empregar todos os seus esforços para impedir a infecção clerical da sociedade brasileira e depois de fazer um ligeiro historico dos crimes dos jesuitas, citando factos, entre outros o estupro e assassinato de Idalina Stamato, em S. Paulo, terminou, por entre enthusiasticos applausos, augurando que, graças a energia do povo, o Brasil não se transformaria em velhacouto dos vagabundos e criminosos, varridos pelas nações civilizadas.

Falaram ainda os estudantes Armando Cassal e Henrique Ferreira que energicamente profligaram o procedimento do governo do Estado prestando mão forte aos padres corruptores da mocidade e dissolventes da familia.

Um dos oradores propoz que se passasse um telegramma de solidariedade ao presidente da Republica, o que foi acceito com vivos applausos pelos assistentes.

Os manifestantes seguiram até a estação geral dos telegraphos onde foram passados telegrammas ao dr. Nilo Peçanha e ao *Paiz*.

Os manifestantes em seguida foram a residencia do anticlericalista Domingos Brandi que, pelas columnas do *Correio do Povo*, havia feito emmudecer o ridiculo *philosopho* padre Marianno da Rocha que desafiara os anticlericaes para discutir a questão do convento de S. Bento. O sr. D. Brandi, saudado por diversos oradores, respondeu agradecendo e hypotecando a sua solidariedade e os seus esforços para combater o monstro clerical que nos ameaça.

Esse comicio correu por entre a melhor ordem e o maior enthusiasmo, ouvindo-se a cada momento vivas ao livre pensamento, á liberdade, e morras aos padres e ao clero.

— Ha aqui um grotesco individuo que exerce um cargo na policia, onde se tem celebrado pelos actos de violencia commettidos contra pessoas de condição humilde, actos que repetidamente têm sido verberados pela imprensa. Esse intelligente cavalheiro é presidente da sociedade clerical "Centro Catholico" e apressou-se em mandar um telegramma de protesto ao acto do presidente da Republica.

Esse telegramma cahiu no ridiculo por ser o seu autor conhecido como um intolerante e violento que ainda ha pouco por meio de ameaças de cadeia e processo pretendeu fazer com que um operario desistisse de fazer propaganda operaria por occasião da gréve da Casa Brins.

Entretanto agora esse presidente do Centro Catholico lembrou-se de protestar em nome da liberdade de pensamento contra o acto do presidente da Republica!

Um perfeito jesuita de casaca, cartola e pince-nez...

O CORRESPONDENTE

O padre: eis o inimigo!

«A LANTERNA» NO RIO

é encontrada á venda nos seguintes pontos:

Na Federação Operaria, rua do Hospicio, 166;

CAFÉ CRITERIUM, largo do Rocio;

Na rua Salvador de Sá, 48, esquina da rua Visconde de Sapucahy (engraxate).

Na rua da Assembléa, esquina da rua; do Carmo, (engraxate);

RUA DO OUVIDOR, 181, agencia do sr. Braz Lauria.

Na rua do Senado, 63.

Bilhetes e recados

Rio — Jango: Recebi tua carta e o embrulho. Todos bons. O jornal tem ido sempre. Recordações de todos. — Loj.·. Cap.·. Luiz de Camões: O jornal será remettido. — Affonso Vidal: Remettemos o *Papa Negro* pela segunda vez. A *Evolução* seguira assim que a recebermos. Realmente o encarregado não mandou registrada como devia. — Moscoso: Recebi os 62$500 de venda, livros e 4$ para a *Terra*.

Salto — S. Delmoro: Enviamos os ns. pedidos ás pessoas indicadas. Foi engano. Seguiram os outros numeros.

Jahú — Alberto Funchal: Obrigados pelas referencias. Já registramos o seu nome no nosso livro de assignantes. Recebemos os 2$. Enviaremos os 10 exemplares. — J. S. de Souza e Silva: Remettemos o *Papa Negro*.

Jundiahy — A. Martinelli: Tornamos a enviar o n 57 a todos.

Bebedouro — F. Velloso: Um bravo aos correligionarios dahi. Nos diarios não nos foi possivel conseguir. Saudações aos amigos.

Campinas — P. Bertoni: Remettemos o numero. Recebemos os 10$ de sua assignatura. — Manuel Sampaio: Recebemos o jornal. Agradecidos.

Uberaba — A. Stocco: O jornal está sendo remettido.

S. José do Rio Pardo — J. Alvim de Aguiar: Fizemos a transferencia do endereço.

Guaratinguetá — Julio Tibiriçá: O pacote está sendo enviado.

S. Paulo — A. Baraldi: Já o incluimos no numero dos nossos assignantes.

Porto Alegre — P. Santos: O cliché estava em Bebedouro. Escrevemos para lá. Tudo exactamente como aqui... Saudações aos dahi. — Pythagoras: Tomamos nota dos novos assignantes.

Cambuhy — Levindo F. Lambert: Remettemos a *Electra* e o *Infanticidio*.

Piracaia — A. M. Cezar: Seguiram 50 exemplares do n. 58, pois do 55 já não havia.

Maranhão — João I. Martins: Remettemos o *Papa Negro*.

Cidade do Prata — M. C. de Novaes Junior: Tornamos a remetter o n. 53.

Santos — Madeira: Recebi tua carta. Seguiram os atrazados.

Casa Branca — Joaquim Medeiros: Com prazer registramo-lo como nosso assignante.

Nictheroy — F. Dias Filho: Recebi os 12$. Só recebem premios os que pagam directamente á administração. *Evolução* não ha mais. Quanto ao mais havemos de conversar ahi.

Recife — Mario Sette: Acceitamos com satisfação. Necessitamos da ajuda de todos para combater a praga maldita.

Sorocaba—Alcebiades Abrana: Agradecemos a remessa do jornal.

Cordeiro — J. H. Martins: Foi enviado o jornal para a pessoa indicada. Remettemos um pacote. Reclame.

Cravinhos — J. Stempniewski: Registramos o endereço como nos indicou e o novo assignante. Agradecidos.

Capivary — Joaquim Pereira: Dos hereticos não nos esquecemos, não... Pode mandar pelo Correio.

Jardinopolis — J. Zucchi: Recebemos os 10$ do sr. R. Clark.

Desterro — Chrysante E. Medeiros: O jornal tem seguido. Remettemos os numeros pedidos. Justamente por isso que é preciso dar-lhe combate.

Conchas — Mario Rodrigues de Moraes. Remettemos o «Papa Negro».

"A Lanterna" em Nictheroy

A nossa folha é encontrada em Nictheroy nos seguintes pontos:

Na Ponte Central das Barcas de Nictheroy;

No Largo do Barreto, com o vendedor de jornaes;

Na Charutaria Viuva Vianna, rua dr. Marck, 17—Barreto.

Nas Neves, no ponto final dos bondes, com o vendedor de jornaes.

PUBLICAÇÕES
De propaganda anticlerical

Dott. Simon — "Viaggio umoristico attraverso i dogmi e le religioni." 1$.

Dott. Simon — "Nè dio, nè anima" 600 réis.

Guido Podrecca — "Monologhi: Il cuore di un morto—Delinquente nato—Assassino!— Recluso volontorio." 600 reis.

Abele Dal Canto — "La Messa svelata" ovvero "La comedia clerigo—acrobatico—tragico—antropofago — teofago—pagana". 1$.

Gim— "Le Congregazioni religiose (Quel che si é fatto— Quel che si resta a fare". (Publicazione di straordinaria atualitá). 1$.

I Martiri del Libero Pensiero. — "Giordano Bruno" di Arturo Labriola. 1$.

"Aonio Paleario" di Abele Dal Canto. 1$.

"Paolo Sarpi" di P. Picca. 1$.

—Enviam-se todas estas publicações de propaganda anticlerical pela quantia de 6$ e mais a despeza do registo.

Todos os volumes são de edição elegante, cartonação luxuosa e com illustrações originaes. Isso deve constituir a pequena bibliotheca de todo livre-pensador.

— Para ordens: — AGENCIA CHAVES—Caixa 510.

Acceitam-se revendedores no Interior, fazendo-se um bom desconto.

O Papa Negro

Importante romance historico, de Mezza Botta, contendo 520 paginas e 18 suggestivas illustrações.

Neste livro é da historia a fundação e o desenvolvimento na Europa da Companhia de Jesus, a fundação da Maçonaria e a sua corajosa luta contra os tremendos planos dos seus antigos companheiros, chefiados por um dos antigos membros, Ignacio de Loyola. Discripção clara e minuciosa dos meios empregados para dominar o mundo, pela submissão dos reis e imperadores.

Preço dos dois volumes, 2$000 franco de porte.

ELECTRA

Drama anti-clerical em 5 actos, do afamado escriptor hespanhol B. Peres Galdós.

Esta peça valeu ao seu autor um renome universal, provocando grandes applausos em todas as platéas onde foi representada.

Em toda a parte foi ella bem acceita, tendo sido causa de grandes agitações e provocando a furia da padralhada.

Livre de porte, custa 1$500 o volume, que contém 130 paginas.

Publicações periodicas

Um dos nossos amigos encarrega-se de receber assignaturas, por intermedio desta redacção, para as seguintes publicações:

Les Temps Nouveaux

Revista quinzenal sociologica, com um supplemento literario. — Director: Jean Grave. — Assignatura annual: 3$000.

La Guerre Sociale

Semanario revolucionario. — Redactor-chefe: Gustave Hervé.
Assignatura annual: 5$000.

A Sementeira

Publicação semanal illustrada de critica e sociologia. — Lisboa.
Assignatura annual: 2$000.

A Aurora

Hebdomadario operario. — Porto. —
Assignatura semestral: 1$500.

Internacia Socia Revuo

Revista mensal em esperanto, dedicada ao movimento social. — Paris.
Assignatura annual: 2$500.

«A LANTERNA»

será vendida, ao preço de 100 réis, nos seguintes pontos:

SALÃO MONTEIRO — Avenida Rangel Pestana, 140.

NA LAPA—*Salão Internacional.*

VENTURA SIÉRRA, rua Conselheiro Ramalho, 105.

AGENCIA DE JORNAES do sr. Antonio Scafuto, rua 15 de Novembro, 37.

No engraxate, á rua 15 de Novembro, 2.

Na rua S. Caetano, 238.

A Velhice do Padre Eterno

Extraordinaria obra do grande poeta Guerra Junqueiro, que transformou a sua penna brilhante em ferro em braza a queimar desapiedadamente a purulenta chaga clerical.

Este livro, que é considerado um dos mais ferozes contra a Igreja, mereceu uma excommunhão do Papa.

Custa 2$000, franco de porte.

BIBLIOTHECA "D'A LANTERNA"

EM PORTUGUEZ

R. S. Morin, *O Espirito da Igreja*. $200
Nathanaël Pereira, *A Educação Religiosa*. . . $200
Ex-padre Guilherme Dias, *O que é o celibato*. . $200
Pedro de Mello, *Sonho Dantesco* $200
Marco A. Dancetti, *Giordano Bruno*. . . . $200
Domingos Zapata, *As 67 perguntas*. $200
Gorki, *Os amassadores* . $200
Pinho, *Pela Educação e pelo Trabalho* . . . $200
Motta Assumpção, *O Infanticidio, drama*. . $300

EM HESPANHOL

R. Chaughi, *Immoralidad del Matrimonio*. . . $100
J. Rutgers, *Las Guerras y la Densidad de la Población*. $100
M. Devaldès, *Mathusianismo y Neo-Mathusianismo* $100
Ch. Drysdale, *Dignidad, Libertad é Independencia* $100
A. Pellicer Paraire, *El individuo y la masa*. $100
C. S. Darrow, *Crimen y Criminales* $100
S. Faure, *El Problema de la Población*. . . $100
A. Hamon, *Compendio de la Historia del Socialismo* $200
J. Grave, *Tierra libre* (fantasia). $2000

«A Lanterna» no Interior

A Lanterna, além de ser vendida avulsamente em quasi o todo interior do Estado, é encontrada tambem á venda nas seguintes agencias:

Em Ribeirão Preto, na agencia do sr. José Selles, rua Amador Bueno, 41 e 43.

Em Campinas, em casa do sr. Antonio Albino Junior.

Em Santos, na agencia do sr. Paiva Magalhães, rua Santo Antonio.

Em Mogy das Cruzes, na agencia do sr. Emilio Navajas.

Em Botucatú, sr. José Costilha.

Em Dous Corregos, com o sr. Antonio Carlos de Souza.

FOLHETIM (19)

Antonio Joaquim da Rosa

A Cruz de Cedro

ROMANCE PAULISTA

XX

nibaes, e que ornam de louros eternos e immorredouros a fronte altiva dos invictas paulistas.

Mas se esta grande revolução tem de trazer incalculaveis vantagens á nossa santa ordem, dandonos o governo do mundo, cumpre todavia não esquecer que esse sonho dourado póde ser destruido em um momento se por ventura uma indiscreção, uma circumstancia qualquer revelar os nossos projectos extemporaneamente. Sendo altamente imprudente confiar ao papel um negocio de tal magnitude, o nosso sabio reitor, fazendo o mais alto apreço do vosso zelo, da vossa illustração, da audacia e subtileza com que levais ao cabo as mais arrojadas emprezas, escolheu-vos para esta perigosa e sublime missão, recommendando-vos dest'arte a alta protecção do supremo conspirador.

— Estou prompto! respondeu o padre Gaspar com enthusiasmo, os olhos scintillantes de ambição e completamente esquecido da sua victima do calabouço.

— Ireis amanhã, proseguiu o reitor, para receberdes as ultimas ordens do padre Raphael, e seguirdes para Lisboa na frota que tem de largar de Santos nestes quatro dias.

XXI

Alguem bateu á porta da cella do reitor.

— Quem será? disse elle, levantando-se com vivacidade. Oh! continuou elle entreabrindo a porta, sois vós, reverendo porteiro? Que novas temos?

— Um pequeno indigena que pede licença á vossa reverencia para um negocio de muita urgencia.

— De onde vem?

— De Carembehy.

— O padre Gaspar estremeceu.

— Que entre, disse o reitor.

O indigena entrou immediatamente.

— De quem sois? perguntou-lhe o reitor.

— Do sr. capitão André de Góes.

O padre Gaspar estremeceu pela segunda vez.

— A que vindes?

— Meu senhor, respondeu Vicente Paracy, estava muito doente de desgosto por terem furtado a senhora moça. O sr. capitão Gonçalo estava no quarto de meu amo agora de noite, quando entrou de repente o sr. Augusto com uma espada na mão e desafiou-o. O sr. capitão Gonçalo pegou da espada de meu amo, que lhe disse que tambem o vingasse, e sahindo para a sala puzeram-se a brigar.

A testa do padre Gaspar estava inundada de suor frio, e o seu coração batia com violencia, como que querendo rasgar-lhe o peito.

— O sr. Augusto caiu morto, atravessado pela espada, e o sr. Gonçalo ficou muito ferido, e já está sem fala.

O padre Gaspar respirou.

— Com isto meu amo se assustou muito, e tambem está para morrer; por isso me ordenou que viesse a galope, e que pedisse á vossa reverencia que mande o seu confessor para ajuda-lo a bem morrer.

— O confessor delle sois vós, padre Gaspar? perguntou o reitor.

— Sim... senhor... respondeu elle, hesitando.

— Reverendo porteiro, mande ajaezar o melhor cavallo que estiver na estrebaria. Rapaz, dize a teu amo que já lhe mando o seu confessor.

O porteiro e o indigena desappareceram como duas sombras.

— Senhor, disse o padre Gaspar, enxugando o suor que lhe cahia em bagas pelo rosto, tendo de seguir amanhã para S. Paulo, preciso de algum repouso, e supplico encarecidamente a vossa reverencia que me dispense desta commissão.

— Que?! Não sabeis que o capitão André de Góes é um dos mais ricos proprietarios de Carembehy, e que as suas riquezas nos tocam de direito, visto que sua unica filha deve ser desherdada por ter manchado o lar paterno com uma fuga ignominiosa?

— Não póde ir outro...

— Outro! redarguiu o reitor. Qual outro desses estupidos é capaz de desempenhar uma tarefa desta ordem? Como hesitais de prestar mais um serviço relevante á nossa Ordem, e de vos apresentar com mais uma valiosa recommendação ao padre Raphael?

— Mas... balbuciou o padre Gaspar.

— Ordeno-vos que sigaes para Carembehy sem perda de tempo, disse o reitor com autoridade.

— Obedeço, respondeu o jesuita, levantando-se.

O padre Gaspar passou pela sua cella, tomou o chapéo, e descendo para o pateo encontrou ali o reitor, que foi para fiscalizar a sua partida.

— Uma vez que estão mortos, que tenho eu de arreceiar-me delles? disse comsigo mesmo o padre Gaspar, montando a cavallo e partindo a toda brida para Carembehy.

Ao passar defronte do cedro de Carembehy, Augusto de Lara atirou-lhe o laço com mão certeira e o desmontou do cavallo.

XXI

— Quem sois? perguntou Augusto de Lara para reconhecer o seu adversario.

— Oh! é a voz de Augusto, e sou victima de uma miseravel insidia! disse elle, desemmaranhando-se do laço, levantando-se e disparando um tiro de pistola.

— Erraste o alvo, miseravel assassino! disse Augusto.

— Nunca ando descalço, respondeu o padre Gaspar.

A detonação de um segundo tiro resoou no espaço solitario, quebrando a solidão da noite.

— Tornaste a errar, beatissimo padre! Tomai cuidado, que o inferno parece que começa a abandonar-te!

— Tenho ainda um recurso para oppor aos vossos grosseiros motejos, respondeu o jesuita fazendo brilhar a lamina de um punhal e arremessando-se furioso sobre o seu antagonista.

Augusto de Lara desviou o corpo, e, dando um golpe certeiro, abriu largo talho no braço direito do jesuita. O punhal saltou da mão do padre Gaspar, que rugiu como o tigre indefeso, que vê exgottados todos os recursos da resistencia, e não tendo outra taboa de salvação, voltou sobre os calcanhares para se pôr em fuga. Ao dar esta volta precipitada seus pés tocaram na raiz de um tronco, e, perdendo o equilibrio, caiu em terra, Augusto de Lara, pisando-lhe sobre o peito com o pé esquerdo e a ponta da espada erguida para o céo, exclamou:

— E' vivo... vivo que eu te quero, jesuita do inferno!

XXII

O padre Gaspar vendo-se em tão critica conjuncturas recorreu ao emprego de meios brandos para arredar o golpe de morte que pendia sobre sua cabeça e disse:

— Mancebo! poupa-me os dias que eu te darei mais do que a vida.

— Satanaz! Sabe que recuso a vida, a felicidade e o proprio céo, se para penetrar nos seus humbraes necessitasse de um só de teus favores.

— Mas vós ignorais onde se acha a vossa Julia, e eu, sómente eu vo-la posso restituir com toda a sua pureza virginal. O golpe que atravessar o meu peito irá ferir o della, que morrerá sem que ninguem saiba onde se acha, e vós sereis o seu assassino!

— Quereis ganhar tempo para escapar á horrorosa e inaudita vingança que eu vos preparo?! Não, monstro assassino! A infeliz Julia já não está em vosso poder, nesse horroroso calabouço onde se hão sumido tantas victimas!

(Continúa).